Os Litóglifos da Pedra do Oratório e uma Hipótese Relativa às Orígens das Inscrições Rupestres

TH. POMPEU SOBRINHO

I

O nordeste do Brasil é particularmente rico de inscrições lapidares pré-históricas, sobretudo das mais autênticas e antigas. O estilo dos petrógrafos não varia nesta região, mantém-se em geral dentro do tipo geométrico; entretanto não se distribuem uniformemente sôbre a superfície territorial. Concentram-se em alguns sítios privilegiados, rareiam noutros e faltam completamente em regiões bastante extensas.

São particularmente abundantes no Ceará, onde, ao que parece, excedem em número e importância aos demais estados desta parte do País. Possuimos cópias de perto de cem inscrições lapidares do Ceará, e acreditamos não ter ainda conseguido metade das que seria possível colecionar.

Há cêrca de um e meio século, um sacerdote que se dizia índio, o Pe. Francisco Teles Correia de Menezes copiou pessoalmente 33 inscrições dos sertões cearenses e referiu-se a 121 outras que não observou, mas de que houvera notícias. Estas informações são em geral verídicas, pois de muitas das que êle mencionou já obtivemos boas reproduções. O Pe. Teles alude

ainda a outras existentes no Rio Grande do Norte, Paraiba, Pernambuco e até mesmo no Piauí. (1)

No Ceará, uma das concentrações mais interessantes dêsses desenhos localiza-se na região do médio Banabuiú, principalmente no trecho, que em breve será coberto pelas águas represadas pela barragem em construção no lugar Mudubim. Ali, no leito do rio, escalonam-se muitos litóglifos, relativamente próximos uns dos outros. Em nossa coleção figuram cópias das inscrições dos lugares Caiçarinha, Oratório, Cruxatu, riacho da Lagartixa, Rinaré e Condado. Há outros na mesma região de que ainda não conseguimos modelos. Por sua vez, no álveo do rio Quixeramobim, afluente do rio Banabuiú, no mesmo distrito (Rinaré), existe no lugar denominado Giqui uma extensa inscrição, notável pela sua situação e considerável extensão. Êste litóglifo merece um estudo especial.

Tôdas as inscrições referidas se compõem de numerosos sinais gravados mais ou menos profundamente na superfície em geral plana e lisa da rocha granítica, duríssima. Tôdas são modelos de criações primitivas.

Umas foram debuxadas no plano de escarpas quase verticais, não muito altas, outras nas paredes internas de grandes e médios caldeirões, abertos na pedra, pelo trabalho milenar da erosão operada pelas águas carregadas de calhaus e areias do rio, particularmente ativa por ocasião das grandes cheias. Numerosas gravuras já desapareceram não só em consequência do desgaste da superfície lisa da rocha mais exposta à ação abraziva da corrente fluvial, como do alargamento progressivo do diâmetro dos caldeirões. Alguns dêstes, já consideràvelmente grandes, largos e profundos, ao tempo em que as paredes cilíndricas foram inscritas, se desmoronaram depois pela interferência de outros que, cavados na vizinhança, ao crescerem as atingiram. Isto é sobretudo comum na enorme inscrição do Giqui.

(1) Pe. Francisco Teles de Menezes, LAMENTAÇÃO BRASÍLICA. Êste curioso sacerdote, supondo que as inscrições lapidares indicavam lugares onde havia tesouros ocultos, percorreu grandes extensões dos sertões nordestinos nos anos de 1799 a 1806.

Nesta notícia desejamos apenas considerar uma das mais interessantes conquanto relativamente pequena aberta numa pedra isolada no leito do rio Banabuiú, que visitamos em julho do ano passado no lugar denominado ORATÓRIO, situado a 59 quilômetros ao sul da cidade de Quixadá.

* * *

Ali, sôbre a face de uma pedra, semelhante a velhíssimo e tosco obelisco natural, erguido no meio do largo leito arenoso do rio Banabuiú, um pouco acima da foz do riacho que tem o nome da fazenda e do lugar (Oratório), como baliza evocadora de remotas eras, os primeiros habitantes da região gravaram penosamente notável inscrição. A parte superior desta está reproduzida fielmente na fotografia, fig. 1. O grosseiro obelisco já não aparece integral: o ápice e boa porção da parte superior desapareceram, e o corpo, que a natureza não modelou com esmerada perfeição, oferece aqui e ali desgastes mais ou menos grandes pela descamação superficial e irregular da rocha. Como se percebe bem na figura, uma fenda transversal, aberta em plano superior ao do grupo dos sinais gravados, provàvelmente compromete a integridade do estranho monumento, limitando-lhe os séculos de existência, sem, todavia, afetar ainda o precioso *letreiro* pré-histórico, tão digno de uma proteção oficial. O obelisco e a sua curiosa inscrição dão a impressão, mesmo observados de perto, de que o monumento fôra um altar votivo, ante o qual se prosternaram gerações.

A face da pedra irregularmente cilíndrica voltada para leste, jusante da corrente fluvial, desde certa altura até abaixo do leito arenoso, está literalmente coberta de sinais ou litóglifos cavados na superfície da rocha. A inscrição estende-se lateralmente para a direita interessando um penhasco que está ao lado da base do obelisco e dêle se destacara, e voteia um pouco à esquerda. A parte inscrita que fica abaixo do leito do rio, oculta pela areia, parece não ser pequena, pois a escavação que fizemos ao pé do bloco com cêrca de meio metro de profundidade revelou que se estendia ainda para a parte inferior. Infelizmente não

dispunhamos de meios para então descobrir tôda a misteriosa *gravura.*

Do lado oposto, a face que dá para oeste, também irregularmente cilíndrica, mostra-se descoberta numa maior extensão, sendo aí o nível do leito mais baixo do que a jusante pelo menos de um metro. Dêsse lado, não existe porém nenhum litóglifo; e, se os houve outrora, desapareceram sem deixar vestígios. Do lado de montante, naturalmente a erosão deve ser mais ativa mercê do embate direto da corrente líquida carregada de areia e de seixos.

A fotografia (fig. 1) dá uma boa idéia da secção transversal ou horizontal do monólito, no trêcho correspondente à inscrição.

* * *

Conforme o esbôço de classificação para as inscrições rupestres americanas que tivemos oportunidade de organizar (Rev. da Academia Cearense de Letras, n.º 25, ano LVII, 1953), a inscrição do ORATÓRIO enquadra-se no estilo geométrico puro. É êste, aliás o estilo de todos os petrógrafos daquela região central do Ceará.

As figuras compõem-se de traços retos e curvos sem apreciável predominância de uns sôbre os outros. As linhas geralmente se combinam, mas não há sinais muito complicados. A ausência de elementos realísticos reconhecíveis é notável; nem mesmo se encontram representações esquemáticas ou fortemente estilizadas de sáurios ou sêres humanos incontestáveis. Todavia, com muito boa vontade, poder-se-ia atribuir a uns dois ou três sinais cruciformes a representação extremamente simplificada de figuras humanas. Faltam também círculos, retângulos, isolados ou combinados, bem como zig-zags, meandros angulares, discos solares ou lunares, espirais, traços serpentiformes, grelhas, figuras pontilhadas, escadas, labirintos, rastos de pés humanos ou impressões de mãos e outros elementos mais ou menos comuns nos petrógrafos da própria zona. Em compensação, abundam sinais sem forma definida ou reconhecíveis, e, também pontos

isolados ou em linhas retas ou curvas, por vêzes paralelas, sinais cruciformes, etc. Um dos mais interessantes motivos consiste na figura que lembra a configuração de um machado de pedra indígena encabado e que aparece não raro em litóglifos americanos. Sòmente no da ilha dos Martírios, no rio Araguaia, parcialmente copiado por Paul Ehrenreich, encontram-se 5 que lembram o da nossa inscrição. Certos elementos de formas indeterminadas são semelhantes aos mais simples da monumental inscrição do Giqui, situada poucos quilômetros ao norte; outros imitam ou se identificam com alguns dos litóglifos da fazenda Condado e do lugar Cruxatu. As afinidades mais freqüentes ocorrem com sinais da cachoeira do riacho Fonseca, embora nesta os grupos de sinais sejam muito separados, dispersos em blocos de pedra diferentes, ao contrário do que se observa no do ORATÓRIO.

Não obstante a singularidade de vários de seus elementos, sente-se, desde o primeiro instante, que a inscrição foi traçada pelo mesmo povo que, naquela região, excutou tantas outras, com igual *elan* e técnica. Entretanto, o evidente primitivismo do conjunto gráfico sugere a hipótese de que teria sido das mais antigas, quiçá até das primeiras que foram gravadas na América do Sul, rivalizando, neste ponto, com algumas do Oeste da América do Norte. A análise da sua contextura deixa a impressão de que fôra executada pelos primeiros habitantes que chegaram ao nordeste do País. Êstes pioneiros, sem dúvida, se enquadravam num tipo de australoides primitivos, descendentes relativamente próximos dos que constituiram a corrente inicial de povoadores do Novo-Mundo. Seriam porventura elementos diretos da primeira estirpe dos emigrados das planícies da América do Norte que transpuzeram o estreito do Panamá e as cordilheiras dos Andes.

A inscrição, conquanto não se possa identificar com nenhuma das que se têm divulgado, oriundas do oeste norte americano ou das referidas planícies, revela traços de aproximação incontestável. A igual técnica na execução dos trabalhos, o mesmo fácies geral e análoga disposição dos sinais, a identidade de certos elementos simples (pontos isolados ou ordenados, rasto de aves, cruzes, formas retanguloides e triangulares figuras

axiformes, centopéias, linhas paralelas, sinais escaliformes ou lembrando letras do alfabeto latino ou algarismos, discos plenos, etc.). Tais elementos certamente formam um lastro comum dos mais antigos petrógrafos americanos e de muitos do Velho Mundo.

* * *

II

No mundo habitado, no Velho como no Novo Continente, e mesmo no australiano, encontram-se, em maior ou menor quantidade, inscrições rupestres, ordinàriamente pré-históricas.

A interpretação dêstes monumentos tem, como era de esperar, resistido a todos os esforços dos inúmeros curiosos que se apaixonam pelas suas origens misteriosas, e mesmo de alguns sábios que lhes têm dedicado cuidadosa atenção. Os sistemas interpretativos até o presente propostos multiplicam-se, mas, em geral, se mostram falhos, revelando uma ingenuidade quase infantil. Entretanto, de tantas tentativas bem intencionadas colhem-se algumas indicações úteis, e, do labor beneditino dos homens de ciência há resultado orientações aproveitáveis para o problema geral.

As inscrições rupestres autênticas são evidentemente manifestações culturais mais ou menos elementares, oriundas dos albores da vida da espécie humana atual, quando os homens se sentiram impressionados com os fenômenos naturais, e desenvolveram esforços persistentes para compreendê-los. A raiz dos fenômenos culturais vem de muito longe, do seio do solo duro das camadas geológicas, contemporâneas dos animais mais evoluidos. Os seus últimos e quase imperceptíveis filamentos porém descem ainda mais. Atividades já de cunho rudimentarmente cultural, embora inconscientes, reclamados pela biologia, emergem de fontes mais profundas, ainda indiscriminadas, mas, de certo, relacionam-se com os jogos ou brinquedos dos jovens mamíferos e porventura com outras manifestações orgânicas, próprias da vida que se complicava.

As crianças brincam, jogam, divertem-se impulsionadas

pelos mesmos motivos imperiosos, de fundo biológico, que agitam os cães, ursos, gatos, macacos párvulos. Porém, os meninos brincam não só como os animais mas também de uma certa maneira diferente. Além dos brinquedos de reclamo fisiológico, êles, como a mais breve observação da vida infantil revela, exercitam, outros, sob os mesmos estímulos orgânicos, porém de natureza psicológica, que são verdadeiras criações. Os animais não improvisam brinquedos ou jogos como fazem frequentemente as crianças de todos os países e sempre fizeram em todos os tempos, procurando imitar representativamente certos fenômenos do mundo ambiente, ainda por elas incompreendido.

O caráter principal dêstes folguedos infantis é a sua relação, com o real. Tôda gente sabe que os animais não brincam de mãe, de soldado, de cavalo ou de barco, etc. É possível dizer-se que os meninos "jogam ou brincam a ordem do mundo tal como êles a descobriram, e por aí realizam a conquista do real, que representam e assimilam brincando normalmente da maneira comum a tôda atividade desta natureza, sem fim previsto ou utilidade" imediata ou consciente e sob indisfarçável tensão nervosa.

Pois bem, foi por êste meio que os primitivos (1) apreenderam também o real, um real mais interessante e mais impressionante, e, para não o esquecerem e para o transmitirem à comunidade e aos pósteros e ainda talvez, por outros motivos, o representaram nos seus jogos cultuais com seriedade e solenidade. Assim, surgiram os mitos autênticos ou verdadeiros, e com êles vieram, pouco depois, os cultos e ritos, as primeiras cerimônias e as festas religiosas.

O esfôrço criador do primitivo foi maior e mais demorado que o da criança descuidada. Enquanto esta brinca ou joga uma ordem do mundo já efetiva, reagindo em face de formações culturais concretas, os primeiros homens, sem um tal apôio ao seu dispor, partiram quase do nada, de um vasio mudo, esporea-

(1) A expressão **primitivo**, aqui, não se aplica sempre aos primeiros homens da nossa espécie.

dos pela necessidade original do jôgo, brinquedo ou atividade psíquico-cinética que visava, como ocorre anàlogamente nas crianças, liberar as energias biológicas que sobravam das exigências da sua vida vegetativa. Acredita-se que outros estímulos agiram mais particularmente em campo mental mais restrito.

O processo criador primordial que levou à revelação do mundo real, a tomada de consciência dos mais interessantes fenômenos devia ser bastante elementar, mas dêle pouco sabemos.

O estudo etnológico das religiões primitivas mostrou que os brinquedos improvisados, não os de impulso simplesmente fisiológico de que aquêles em parte provieram, são, como os jogos culturais e particularmente os cultuais, uma maneira especial e, para o tempo em questão, muito adequada para exprimir a percepção das cousas dêste mundo. Quem quer que medite sôbre esta matéria sèriamente, não pode negar que de fato os primitivos descobriram um método de grande eficiência, inteligentemente muito bem ajustado às circunstâncias em que viviam. Admite-se mesmo que nada de melhor teria sido possível para concretizar, materializar, conservar, fazer compreender e divulgar as criações espirituais que grandes místicos, ou os mais conspícuos observadores de então aprendiam.

De passagem queremos referir que, além do brinquedo imitativo e criador, há outro tipo, também estranho aos animais, de caráter francamente tradicional, como por exemplo são os jogos de bola, de perna de pau, de pinhão ou carrapeta e até mesmo as dansas não primitivas, etc. Êstes brinquedos tradicionais se encontram em quase tôdas as civilizações, com poucas variantes. Não passam de *sobrevivências* de antigos jogos culturais, cuja significação e razão de ser pouco a pouco se perderam no curso dos tempos, e, dêste jeito, reduziram-se a simples brinquedos infantis, jogos ou esportes de adultos, etc.

Queremos deixar claro que, em nosso entender, os jogos ou brinquedos improvisados das crianças, embora traduzindo sem dúvida um processo criador, como reconhecem os mais conceituados etnólogos que versaram êste problema, não geraram diretamente os jogos culturais, ou cultuais em particular. Emprestamos todavia decisivo apôio à idéia de que o processo que elabo-

rou aquêles (representações culturais) e êstes (jogos sacros), ao menos no que diz respeito às primeiras operações, aos movimentos iniciais, é o mesmo, com as suas fundamentais características. Tôdas as formações culturais, sérias ou não, brotaram das mesmas fontes, resultaram ambas dos mesmos estímulos inspiradores. E, ao que parece, não podia deixar de ser assim, por isto que são, sem exceção, consequências de tais atividades elementares, produtos morfològicamente identificáveis: expressões de percepções de fenômenos do mundo ambiente.

Os brinquedos ou jogos, a partir dos que realizam as crianças desde o bêrço e os animais novos, representam uma função quase transcendente como inspiradores imediatos dos jogos de imitação ou dos folguedos improvisados. Representam o papel de um fulcro sólido sôbre que se apoiam estas outras manifestações espontâneas, mas que já trazem um elemento psíquico a lhes dar especial valor. E dêsse jeito permitem a inspiração natural de modelos para as criações culturais mais elevadas e para as próprias formações originais de caráter cultual.

Um autorizado etnólogo afirma, com especial ênfase, que "foi um dos grandes méritos da humanidade primitiva o haver inventado nas cerimônias do culto, cuja significação era então sentida com vivo ardor, um modo de comunicação que permitia aos membros da comunidade cultural, integralmente, compreender certos aspectos do real, muito melhor do que teria sido possível com o uso da linguagem ou qualquer outro".

Êstes meios, tão acordes com as condições culturais de então e ainda com os meios selvagens modernos, se integram no especial ajustamento dos mitos, das cerimônias, dos ritos e festas às imperiosas necessidades mentais. Mas, cumpre observar nos ritos e festas sacras há, em relação aos jogos comuns de imitação, mais um elemento importante que convém ressaltar. Êste novo elemento foi percebido tàrdiamente no campo etnográfico, mas se apresenta de importância especial.

Realmente verifica-se nesses jogos, desde logo, uma "relação mais profunda e mais essencial com a realidade, evidentemente em correlação com um estado psíquico particular, o sentimento do *solene*". Aliás, elemento indispensável para ensejar

o processo criador respectivo. Tais circunstâncias requerem realmente um psiquismo mais elevado e grandioso, uma situação muito especial. "Os homens julgam-se, nas festas, ligados à divindade de modo íntimo; como que revivem a época primordial e sobretudo os acontecimentos criadores próprios daquela remota era, em virtude dos quais os sêres divinos, homens semelhantes aos deuses, criaram o mundo com o seu aspecto atual". Efetivamente, "as festas se repetem, sempre animadas do espírito criador daquele tempo" (A. Jansen).

Assim é realmente; observa-se que "pela repetição a vida perde a sua fôrça; o vivente a sua vida, porém a cada repetição de um ato religioso, resta um elemento do estágio criador, que o avigora, elemento que não se apresenta nunca quando o ato deixa de ser repetido" (K. Kerényi).

Compreende-se então a estima e o respeito dos selvagens às suas festas e cerimônias e a rigorosa observância dos ritos que nos parecem folguedos bem ingênuos, mas que sem dúvida são de caráter cultual.

Um elemento espiritual ressalta a mais, de maneira mais ou menos evidente pelo qual entendemos fàcilmente a distinção das representações divinas dos primitivos, surgidas necessàriamente de idéias divinas e dos jogos ou folguedos comuns que serviram para modelar, estruturar, dar forma característica aos cultos e ritos.

Nem todos os etnólogos que se têm ocupado da matéria pensam desta maneira e emprestam aos jogos uma participação mais íntima nas formações cultuais. Entre outros, Huizinga (1) que dá grande importância aos jogos em geral, atribui aos jogos cerimoniais dos primitivos e selvagens apenas uma forma mais elevada, sendo na sua essência equivalentes aos folguedos das crianças ou mesmo aos dos animais. Não trepida o ilustre sábio em afirmar que "o culto enxertou-se sôbre o jôgo, em um estágio ulterior da sociedade".

(1) Huizinga, J. HOMO LUDENS, 1939. Apud Ad. Jansen in "Mythes et Cultes chez les Peuples Primitifs", tradução de M. Metzeger e J. Goffinet, 1954.

Como geralmente se tem observado, e até parece intuitivo, a participação do jôgo nos atos divinos é incontestável; todos os estudos mais meticulosos realizados neste sentido são concordantes. Efetivamente, sente-se com relativa facilidade que, de fato, é a noção de jôgo ou brinquedo a que melhor traduz a unidade e a inseparabilidade da fé e da incredulidade, e a relação do que é sério ou sagrado com a simulação e a brincadeira (J. Huizinga). Mas, sem dúvida, parece prudente não ir muito longe neste caminho e manter-se dentro de um espírito mais altamente científico ou lógico, como fez Jansen. Para o fim visado aqui, objetivo desta notícia, importa especialmente reter o fato inconteste e simples de que as ações sagradas são puras festas, solenes, de gravíssima seriedade, e que, sem nenhuma dúvida, encerram, não obstante a estranheza dos leigos, as características essenciais comuns a todos os jogos ou folguedos.

Devemos ter em mente, além disto, que ainda não conhecemos razoàvelmente os fecundos processos criadores. Sabemos apenas que a diferença entre uma experiência vivida mas ainda não expressa e a sua elaboração plenamente consciente, isto é, entre as ações que precederam a apercepção do real e as que exprimem ou representam a ordem percebida constitui um processo sobremodo difícil.

Trata-se de uma arquitetura ou arquiconstrução espiritual que exige bom e hábil obreiro; pois, sem dúvida, o sentimento religioso assenta primitivamente numa imperiosa necessidade de fundo biológico sutil e profundo, que sòmente conseguiu exteriorização muito tarde na ordem biofilática. Mas, aí está a base do alicerce, as camadas iniciais da infraestrutura.

O processo criador, porém, é obra mais avançada, produto de cérebros evoluidos, começa seguramente por uma experiência de fatos cósmicos ou naturais e marcha para a sua expressão, acabando sempre numa elaboração de jogos dêstes fatos. Para melhor compreender tão curioso conceito, o autor referido dá o seguinte e sugestivo exemplo: "O homem procriou e multiplicou-se antes de haver tomado consciência da natureza do respectivo processo. Agia com uma experiência inexpressa; sòmente depois assenhoreou-se do processo e adquiriu consciência da

sua natureza". Assim, acrescenta o ilustre mestre: de qualquer cousa de atual saiu qualquer cousa de mais atual ainda. Mas, em verdade, como isto se faz ou se fêz muito pouco sabemos além da circunstância de que os respectivos processos criadores existem e que já existiam nas mais arcáicas sociedades humanas, sempre mantendo as formais características dos jogos.

* * *

Lembremos que as experiências do mundo, apercebidas na sua essência, tiveram meios adequados de expressão. Os mitos o fizeram como arte narrativa, a escultura (modelagem), o drama, a dansa, etc. e até mesmo de maneira muito sutil a própria arte.

Por que, então, as inscrições rupestres verdadeiras, autênticas criações das primeiras épocas da vida da nossa espécie, que surgiram provàvelmente antes da discriminação das raças primitivas ou ao menos contemporâneamente com esta formação, também não teriam sido um outro método de expressão, um meio prático e eficiente de representar e registar a apercepção das cousas reais, ou ao menos de certas cousas reais, do mundo?

Não se contestam as origens peleolíticas de muitos dêstes monumentos. A sua ligação com as religiões primitivas nos parece sòlidamente comprovada. O seu caráter lúdico formal e, principalmente, o seu aspecto de cousa muito séria, o descomunal labor que exigiram e as figurações rituais que se tornam evidentes em muitas delas, são incontestáveis; cada dia tais características se acentuam e melhormente se impõem.

Efetivamente, sòmente o que é muito sério, muito solene e muito profundo na vida de um povo pode explicar e justificar o incrível trabalho dos primitivos na confecção destas curiosas criações, debuxos, por vezes, extensíssimos, talhados profundamente na rija superfície da rocha comumente granítica, de modo a desafiar o milenar fluir dos tempos.

Em muitos casos os litoglifos não são a obra de um só homem, mas a de diversos, porventura de gerações prêsas a uma mesma idéia.

Consideraremos adiante a feição lúdica que alguns observadores atribuem, com generalidade exagerada, às inscrições rupestres, bem como outros aspectos interessantes correlacionados com êstes monumentos pré-históricos. Os ritos dágua em certas inscrições saarianas e do norte africano ressaltam patentes aos olhos experientes dos investigadores.

O mito era a arte narrativa dos fenômenos impressionantes apreendidos, ruminados e assimilados pelos primitivos; o culto, os ritos e as cerimônias eram a arte representativa, dramática, o modo insinuante e sugestivo de divulgar e guardar, tanto quanto possível intactas, essas conquistas culturais. As inscrições rupestres seriam então a arte da expressão gráfica, o método de perpetua-la na rocha mediante convenções ajustadas ao estado de cultura daquêles idos tempos. O processo convencional ter-se-ia perdido, e bem poucas são as esperanças de um dia recuperá-lo.

Já se não admite, como era uso cômodo até bem poucos anos, que a origem das inscrições, sobretudo as das cavernas, tem uma motivação mágica. Chegou-se a pensar que "tôdas as manifestações religiosas dos primitivos derivavam de suas crenças na magia". As afirmações dos teóricos da magia têm porém ruido, e as primeiras brechas no edifício se abriram quando pretenderam, sem provas ou razoável verossimilhança e com absurda arbitrariedade, afirmar a intervenção dessa arte utilitária como explicação elementar das criações primitivas da humanidade Ora, a magia é incompatível com as faculdades reais dos primitivos, a quem não se permite mais atribuir, tal como se fazia errôneamente, um processo mental pré-lógico ou de incorreto raciocínio. É expressão degenerada de certas atividades.

* * *

Os mitos, os cultos, os ritos e outras formações culturais, dos primitivos deturparam-se, degeneraram, mas, ainda assim, chegaram até nós com uma certa vivacidade, trazendo um sentido mais ou menos espúrio, porém, nem por isto destituido de inte-

rêsse. A significação original, perdida atravez dos tempos, pode algumas vezes ser descoberta com satisfatória aproximação, mediante percuciente processo analítico-comparativo.

É seguramente certo que as inscrições rupestres pré-históricas também experimentaram um análogo processo degenerativo; e o seu sentido primitivo perdeu-se de todo. Parece possível que no decurso do tempo tenham tomado sentidos secundários que se iam afastando progressivamente do original. Como restaurar esta significação inicial, profunda, perdida na noite escuríssima do passado mais remoto da atual humanidade?

O problema aí está desafiando o saber e perspicácia dos sábios e dos mais autorizados estudiosos da pré-história e dos mais imaginosos etnólogos com os seu métodos rigorosos de investigação.

Caso a ciência encontre a maneira de fazê-lo, o problema sem nenhuma dúvida ha de oferecer solução transcendentalmente difícil.

Para melhor compreender a extensão dêste aspecto negativo da questão, convém considerar, entre outras dificuldades, o quanto é raro dispor o estudioso de uma inscrição completa rigorosamente autêntica. Há indícios de que, a princípio, os selvagens com espírito religioso restauravam ou reavivavam os traços das figuras rupestres por ocasião de cerimônias especiais, repetidas em épocas determinadas. Mas, em geral, há muito no Velho como no Novo Mundo esta prática desapareceu, e desde então começou a exercer-se inexoràvelmente a ação destruidora do tempo, o desgaste dos elementos desenhadas, do que tem resultado a perda de muitos sinais ou de parte dos mais interessantes, e até mesmo o desaparecimento completo de inscrições inteiras. Apagaram-se para sempre dados inestimáveis. Aqui no Ceará, todos êstes casos são comuns, atestando a grande ancianidade dos monumentos. Nunca observamos uma inscrição rupestre, litóglifo ou pictografia, integralmente conservada. Os desenhos mais completos são os que se debuxaram no interior de certas grutas ou nas paredes de algumas lapas e raras escarpas de rocha duríssima ao abrigo relativo das intempéries. Nos

mais afastados refúgios dos selvagens australianos ainda se refazem inscrições lapidares.

As tentativas para compreender as inscrições litoglíficas pré-históricas até o momento não conseguiram enveredar por um caminho racional em vista de uma orientação realmente científica. Têm sido consideradas geralmente por espíritos fantasiosos, apaixonados pelo que tão interessantes monumentos encerram de mistérios. No Brasil dois esforçados estudiosos trataram a questão com grande amor e dedicação, mas não conseguiram libertar-se da sugestiva miragem da fantasia. O mais conspícuo, o amazonense Bernardo da Silva Ramos foi de uma dedicação apostolar, mas o sistema, que criou com grande esfôrço e dispêndio para obter a interpretação das inscrições, resultou absolutamente incapaz de produzir qualquer resultado aproveitável. Quase a mesma cousa se pode dizer dos bem intencionados trabalhos do outro ilustre e competente pesquisador nacional, o Senhor Alfredo Brandão, que, não obstante, no seu livro "A Escrita Pré-histórica no Brasil" revelou uma surpreendente e vigorosa imaginação, cultura e apreciável orientação.

* * *

A hipótese que vimos de acolher, com certa precipitação talvez, quanto à origem das inscrições rupestres pré-históricas parece razoável, digna de consideração e bem justificável; abraçamo-la por ser, além do mais, muito sugestiva e natural.

Fôra tímida e hesitantemente apontada sem comentários pelo sábio etnólogo da Universidade de Francfort-sur-Main, o Professor Dr. Adolfo Jansen, sensìvelmente nestes têrmos: "A arte de um desenho rupestre pré-histórico deriva incontestàvelmente do mesmo processo criador que, entre outros povos ou em outras épocas suscitaram cultos, igualmente no serviço divino" (1). A dubiedade das suas convicções, porém é manifesta. Noutra parte da sua grande obra, aqui referida, diz: "Realmente

(1) Jansen, Av. E., "Mythes et Cultes cherles peuples primitifs. Tradução de M. Metzger e J. Goffinet. 1954.

nada sabemos dos motivos que provocaram êstes desenhos", se bem que logo observe, ao afastar a hipótese explicativa da magia, mas, sobretudo, baseando-se no comportamento e informações diretas de selvagens que ainda agora, na Austrália, conservam a arte de executar imagens rupestres: "Tais manifestações "afetam intenções religiosas". Escreveu ainda no mesmo trabalho, êstes conceitos significativos: Em tôdas as suas formas primitivas a arte dos desenhos rupestres é um meio de representar uma experiência mais elevada do mundo. Contudo, repete ainda uma vez: "nada sabemos com certeza, sob êste aspecto, da arte dos desenhos rupestres pré-históricos". Todavia, o ilustre especialista parece não alimentar dúvidas sôbre que os selvagens australianos, os mais próximos do primitivismo da espécie, admitem que as gravuras rupestres se prendem a tradições dos tempos primordiais, aos deuses criadores do mundo.

Etnólogos atualizados, completamente informados e com largo contato com os primitivos, mostram-se menos tímidos.

Na Austrália Central, onde as reservas culturais mais arcáicas da humanidade ainda se conservam bem expressivas, com um mínimo da influência perturbadora da civilização ocidental moderna, o Sr. Ch. Mountford, com poucos outros destemidos exploradores das relíquias primitivas do mundo colheram elementos pictigráficos e folklóricos, lendas, ritos e cerimônias de povos que pareciam então emergir das mais simples e profundas camadas da vida da nossa espécie. Mounteford especialmente viveu meses entre puros caçadores australianos, gente que desconhece o arco e a flecha, a cerâmica e a agricultura, mas de quem soube captar a confiança e estima ao ponto de tornar-se membro de tribos extremamente ciosas dos seus rudimentares sistemas religiosos e políticos.

Visitou Mountfort os baluartes mais seguros das tradições primitivas da vida selvagem, como o monte Olga (Katadjuta), o monte Corner (Maratjara) e escalou o Ayres Rock (Uluru), monólito enorme referto de inscrições rupestres de todos os tempos. Nessa região ainda agora se pintam, como outrora, os símbolos primitivos com grande veneração religiosa e se celebram

ritos secretos e cerimônias sacras, porventura segundo o modêlo dos primeiros tempos. (2)

Até êste momento, mercê de quanto nos temos informado a respeito de tais criações pré-históricas, do estudo comparativo e da análise de mais de um milhar de inscrições do mundo inteiro, sentimos a necessidade de admitir, ao menos enquanto não se prova em contrário, a origem religiosa das inscrições líticas pré-históricas.

Outros etnólogos além de Jansen, embora não tanto especializados no assunto em aprêço, acreditam numa relação positiva entre as inscrições pré-históricas e as religiões primitivas. Citaremos adiante alguns dos mais autorizados.

Alguns viajantes ilustres, bons observadores, antropologistas ou etnólogos, têm aduzido a opinião de que as inscrições rupestres não passam de simples brinquedos dos primitivos desocupados, de divertimentos comuns ou passatempo de ócios, senão, talvez, de meros ensaios da arte primitiva, sem outras preocupações.

O caso, entretanto, comporta algumas objeções muito sérias que aqui, no espaço de um artigo, não poderemos considerar como merecem. Limitar-nos-emos apenas às observações seguintes: 1) Os primitivos, principalmente os paleolíticos que, para esta notícia, são os que mais interessam, não dispunham de lazer nem podiam entregar-se a ócios cômodos. Ao contrário, as imperiosas contingências de uma vida difícil e cheia de sérios e insuperáveis perigos absorviam tôdas as suas atenções e momentos. Já A. Lefreve notara que a vida precária das idades primitivas mantinha o homem em constante estado de alerta. O perigo estava em tôda parte. Com as armas e instrumentos rudimentaríssimos de que dispunha para reagir em face da agressividade permanente do meio, no diuturno esfôrço para obter o alimento quotidiano e defender-se das feras não lhe sobrava senão escasso tempo para os seus impreteríveis deveres religio-

(2) Mountford, Ch. P., "Mythes et Rites des Aborigines d'Australie centrale. Tradução de André Guieu. 1953.

sos. que se deviam cumprir quaisquer que fôssem os sacrifícios. Por outro lado, (2, estas obrigações espirituais precípuas, que eram múltiplas e variadas, necessàriamente teriam de incluir as inscrições rupestres, cuja importância estava na razão direta da soma enorme de trabalhos, de paciência, persistência e tempo que exigia a sua confecção. Isto não oferece nada de extraordinário porque: a alma da humanidade primitiva, nos diz H. Obermeir, é muito mais impressionável que a dos povos civilizados, os menos sugestivos cantos, dansas e imagens podiam arrastar as massas a esforços máximos (*In* EL HOMBRE PREHISTORICO, 4ª. Ed., pg 110).

Sòmente quem já teve oportunidade de observar certas inscrições rupestres pré-históricas, profundamente rasgadas na rocha muito rija, como a do Giqui no Ceará, Ingá na Paraiba, Cerro Colorado na Argentina, Cerro Pintado na Venezuela, Little Lake no oeste norte americano, Ain-lahage e as do rochedo de Thyout no norte da África, e centenas de outras, pode compreender o quanto custaram aos seus rudes e desaparelhados autores.

Tão ingentes sacrifícios reclamam sentimentos profundos, capazes de fazer vibrar violentamente a alma primitiva; e dentre êstes sentimentos o mais sutil e importante, o mais íntimo e mais vigoroso nas sociedades menos evoluidas, ocupa o primeiro Não foi outro o que fêz com que homens que precederam no lugar o que se relaciona com a divindade, o sentimento religioso. mundo aos primeiros da nossa espécie, com feições ainda simiescas, se dessem ao trabalho, para êles bem penoso, de cavarem cuidadosas sepulturas para os seus mortos, como fizeram os munsterienses.

Já então se ensaiavam os primeiros passos que deviam conduzir os primitivos, realmente os pré-primitivos, à religião.

A religião e a arte nasceram com a humanidade; na infância da espécie atual, que herdara de outras mais arcáicas os toscos elementos indispensáveis para isto; as inscrições puramente religiosas gosaram do mais elevado prestígio social.

Os mitos autênticos, como também, de certo, as inscrições

rupestres registaram convicções sagradas, capazes de impor aos homens os mais duros e penosos trabalhos, os mais ingentes sacrifícios; elaborar mitos e abrir inscrições nas rochas eram esforços dêsse gênero. Mas, tal acontecia porque ambos exprimiam ou formulavam uma apreensão intuitiva e espontânea, altamente impressionante e verdadeira do real, sentida por tôda a comunidade.

Que as inscrições líticas pré-históricas são manifestações de caráter religioso, as considerações já expendidas parecem tê-lo firmado. Todavia, desejamos ajuntar algumas opiniões valiosas a respeito. Realmente, conspícuos observadores o afirmam ou deixam claro o assim pensarem ante o estímulo despertado neles pela admiração que lhes causaram tais monumentos, e tudo os levaram a judiciosas ponderações, a que cumpre dar o devido aprêço. Charles Brown (1) depois de considerar que os atuais indígenas não possuem tradições a respeito dessas *picture writigs* e atribui-las aos espíritos, fá-las assentar num intuito superior de caráter religioso. Mais recentemente um sábio norte americano (2) após estudar com rigorosa orientação científica cêrca de 300 inscrições do oeste da América do Norte (Califórnia, Nevada, Utah, Arizona, etc) inclina-se decididamente para uma origem religiosa. Acha que jamais poderemos saber por que razão os petróglifos foram feitos, porém devemos conjecturar que muitos o foram em vista de algum fim religioso. Outros pesquisadores norte americanos são do mesmo parecer, notadamente os Snrs. R. Olson e H. J. Spiden. Êstes atribuem às inscrições rupestres razões relacionadas com as cerimônias religiosas da puberdade. Um outro explorador inglês que visitou as Guianas (1) e observa que "Os atuais indígenas não sabem informar cousa alguma das

(1) Geólogo inglês que em 1870 viajou demoradamente pela Guiana Inglêsa e estudou as inscrições rupestres numerosas da região.

(2) Julian H. Steward que publicou os seus estudos sob o título de "Petroglyphs of California and adjoining States" no Vol. 24, da Univ. of Calif. Publications in Amer. Arch. and Ethn., 1929.

(1) Ewerard F. Im Thurn, na sua obra "Among the Indians of Guyana", 1883.

origens das inscrições rupestres daquela região, mas, em geral atribuiam-nas a MAKENAIMA MUMU, um filho de Deus que, na sua peregrinação pela terra, as traçou com a ponta do dedo, nos rochedos. Trata-se de uma atribuição rigorosamente religiosa. Alguns exploradores franceses, Jules Crevaux, entre outros, julgam que os litóglifos encerram certo intuito religioso.

A opinião de que as inscrições pré-históricas podiam ter uma relação mais ou menos íntima com um primitivo esfôrço de arte, que é sem dúvida bastante vulgar, torna-se digna de aprêço. Em muitos litóglifos antigos evidentemente não se nota nenhuma preocupação artística, tal é o caso da inscrição do ORATÓRIO. Em outros, embora com feição visìvelmente secundária, reponta esquivo ensaio artístico. Isto talvez resultasse da intenção de valorizar ou salientar mais positivamente a representação mítica. Nada de extraordinário se pode aí vislumbrar e, de modo nenhum, invalida a hipótese da origem religiosa. É de crer mesmo que, antes, a reforce dando ao quadro representativo das idéias fixadas nas inscrições uma feição sacra mais solene, um maior destaque e elevação sôbre aquelas qualidades que lhes eram próprias. Sabe-se que nas suas origens a arte sempre foi processo de expressão de experiências do mundo com caráter mais delicado e mais elevado.

Fortalece o conceito o fato de que ainda agora, e desde épocas imemoriais, dentro da história, ela desempenha estas funções sutis; e, além do mais, é verdade que sempre representou um laço que liga o nosso atual estado cultural aos primórdios das épocas primárias da humanidade. E isto o faz explìcitamente como mostram certos mitos autênticos e até mesmo alguns de natureza etiológica, certos dos quais encerram o seu melhor mérito na expressão literária, isto é, no seu valor artístico, na beleza da exposição. Facilitar a luta pela vida devia ser um ideal acariciado ìntimamente pelo primitivo; a religião era esfôrço orientado neste sentido, representava a luta por um ideal supremo, portanto não podia prescindir de um elemento de arte, pois belo devia ser tudo quanto contribuisse para uma perfeição desejada.

A. Jansen afirma com justeza e acentua com o pêso da sua autoridade que o mito é uma forma de arte narrativa. Diremos por outro lado que a inscrição rupestre autêntica poderia ser considerada em muitos casos também como uma forma de arte, aspirando honra análoga a que se concede aos mitos.

* * *

Embora as inscrições líticas ocupassem primitivamente um lugar de maior relêvo no complexo cultural das primeiras sociedades, encerrando sem dúvida significação de máximo interêsse, não podiam, como fenômeno cultural resultante de um ato criador, escapar a lei da degenerescência da expressão para a utilização. Os mitos não fugiram a esta imperiosa transformação. A inscrição, do mesmo modo que o mito, a respeito do qual esta mutação está bem estudada, perdeu no curso dos milênios pré-históricos o seu sentido primitivo, o seu real valor de expressão, passando porventura a representar um papel etiológico ou explicativo. Mito e inscrição, com as suas funções originárias paralelas, tiveram certamente o mesmo destino: de expressão passaram a utilização. O fenômeno inicial transformou-se noutro igualmente cultural. Depois de exercer por longo tempo a sua função original expressiva, transmitida fielmente de geração em geração, o ato criador e primordial, mudou de sentido e conseqüentemente também de forma. Traduzia o seu objetivo entretanto com fixidez maior que os mitos, circunstância que devia naturalmente oferecer uma efetiva resistência à degenerescência, retardando-a, opondo embargos a um processo de adaptação a meios diversos da evolução estrutural da sociedade, a situações novas que necessàriamente surgiam na dinâmica social. A rigidez da inscrição tinha a tendência de perder a sua significação original antes de ajustar-se a contingências diversas das que imperavam ao tempo de sua criação.

Contudo, teve finalmente de experimentar, ante os mais flagrantes desajustamentos culturais, modificações progressivas, de sentido como de forma. A proporção que a sua fôrça de

expressão se foi diluindo na memória e no conceito das gerações sucessivas, a significação semiológica se alterava e não tardou muito que a morfologia se amoldasse aos novos entendimentos. O fenômeno parece não ter sido geral. Aqui uma inscrição, antes de qualquer modificação de sentido ou forma, fossiliza-ra-se de todo; ali, no curso da evolução, foram outras deixando balisas que marcam estágios diferentes. A velocidade desta marcha no tempo, sendo função de muitas variáveis, dependentes umas do meio cósmico, outras do meio social, a homogeneidade de estilo primordial teria forçosamente de desaparecer, deixando, não obstante, vestígios ponderáveis das formas originais e dos vários degraus de estágios diferentes das culturas que atravessou o caminho da evolução. Esta evolução da morfologia dos litóglifos ou dos litógrafos em geral torna-se patente e ressalta mais ou menos fàcilmente do exame sistemático das boas coleções dêstes monumentos.

Devemos ter em vista que o mito está mais sujeito as modificações degenerativas do que as inscrições litoglíficas; mais maleável em consequência da sua formação oral, não pode oferecer a rigidez e a fixidez da idéia gravada na pedra. Estas circunstâncias explicam porque as inscrições se despojam mais fàcilmente e mais cedo de qualquer sentido, original ou secundário. A resistência natural das inscrições à degenerescência da expressão para a utilização abre dois destinos ou dois caminhos a sua evolução atravez das idades. Ou transformaram-se utilitàriamente e seguem uma longa viagem, ou perdem em estágios diversos às significações secundárias, depois de o haver feito à inicial. Assim desaparecem sem deixar a mínima lembrança do seu valor como expressão. Êste caso parece ser o mais geral.

* * *

A possibilidade das inscrições rupestres perderem definitivamente o seu sentido original sem transformações espúrias secundárias vale pela aposição prematura de um ponto final, pela fossilização mais curiosa do monumento pré-histórico.

Foram varridas da memória dos homens. Os pais, os avós e ascendentes em geral dos selvagens modernos, até onde chega a lembrança das tribos pós-colombianas já nada mais sabem ou sabiam a respeito das garatujas debuxadas nas pedras; nenhuma idéia têm êles, no velho como no novo continente, do que significavam para os seus maiores embora em muitos casos lhes guardem supersticiosas deferências, respeito ou terror algumas vezes. Raras são as explicações que delas podem dar, explicações sempre inadequadas.

O outro caso, porém, dá lugar a uma hipótese não desprezível: teriam realmente algumas inscrições rupestres ou certas de certos lugares sofrido um processo degenerativo, lento e continuado, passando insensìvelmente do seu significado original a um outro de valor utilitário que, através dos milênios e séculos, haja chegado até os nossos dias? De uma maneira limitada, isto parece certo.

Tudo, realmente, leva a crer que em alguns poucos lugares da terra as velhas inscrições, com as suas funções semelhantes às dos mitos religiosos e sua forma especial de expressão, passaram lenta e continuadamente a representar outros fenômenos culturais diversos daqueles que lhes deram origem. Isto, aliás, sempre ocorreu com a maioria dos fenômenos culturais. A fixidez da inscrição lítica certamente criou dificuldades adaptativas a meios e circunstâncias novas no curso da vida selvagem, cousa que naturalmente concorreu para apressar progressivamente o esquecimento do sentido das inscrições por tôda parte, com raríssimas exceções. Dentre aquelas inscrições que, malgrado a sua estabilidade pétrea, tiveram no curso dos tempos significações secundárias, mais ou menos efêmeras, algumas adquiriram valor utilitário interessante, com gérmen de longa vida, não interrompendo nunca uma vez estabelecida, a sua evolução utilitária.

Cabe-nos o direito de presumir que esta evolução especial conduziu o sistema gráfico até alcançar o processo de escrita das civilizações modernas, depois de passar pelos numerosos sistemas pictográficos usados desde o eneolítico. Mas, também

é de crer que nêsse tipo de inscrições têm as suas raízes interessantes motivos de arte, sem nenhuma relação com qualquer escrita.

Temos assim, em resumo, uma degenerescência do sentido expressivo inicial das inscrições rupestres pré-históricas, com orientação para a arte e para a escrita, orientação vantajosamente utilitária.

A hipótese da origem das escritas, que se aponta, não é absolutamente destituida de apôio sólido. O estudo comparativo da evolução das inscrições líticas pré-históricas, onde êste processo é patente, concorre apreciàvelmente para projetar uma réstia de luz capaz de esclarecer um pouco o problema.

As mais antigas inscrições em pedra na América são puramente geométricas, não sendo possível descobrir figuras esquemáticas de qualquer tipo. Elas, porém, evoluem em muitos lugares, e aparecem em consequência mais ou menos canhestramente as representações esquemáticas de sêres humanos e de certos animais, especialmente de ofídios e sáurios; esta fase é ainda muito geral; por quase tôdas as regiões outrora habitadas do globo, as inscrições dêste tipo se misturam com as de estilo puramente geométrico. Esta primeira diferenciação que pontilha o fundo uniforme comum ou universal, revela já um progresso interessante e digno de ser anotado e considerado devidamente. Entretanto, também é muito antiga.

Mais tarde, surgem os elementos realísticos, que vão aos poucos avultando e melhorando de forma. Nêsse progredir interessante, acabam por predominar nos conjuntos desenhados formas bem definidas e bem acabadas tornando-se depois exclusivas. Observa-se que aquelas formas protorealisticas são particulares e especialmente abundam onde dominam os povos de origem proto-malaia; oferecem, certamente por isto, uma evidente relação com os aspectos neolíticos da cultura média característica dêsse período; e estas com as suas figuras predominantemente realísticas e cênicas já se vinculam às civilizações mais avançadas.

O progresso na arte da gravura rupestre, correlativo com

o de gravuras ou pinturas em materiais de outra natureza, levou naturalmente à especialização de certas formas ou sinais usuais, talvez primitivamente empregados com caráter mnemônico; e, desde então, as idéias ou imagens que as figuras sugeriam, se foram modificando ante a mais viva representação dos objetos e sêres que imitavam. Isto coincidia com a redução do sentido religioso primitivo, determinado por alterações culturais impressionantes.

Um passo mais adiante nessa senda em poucos lugares teria despertado a idéia básica ou original das escritas pictóricas.

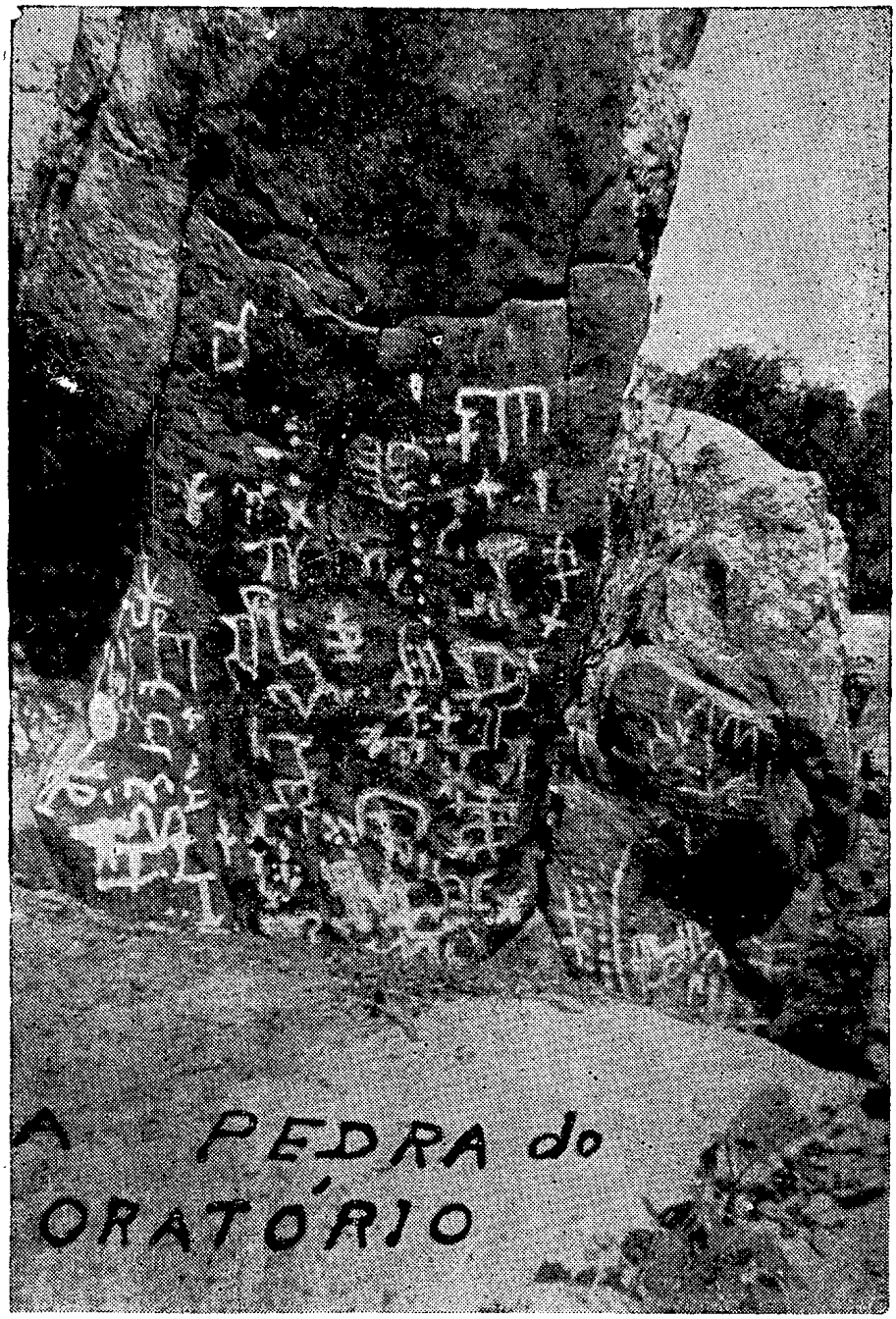
O pensamento de Ernest Grosse relativo a êste assunto merece aqui uma breve referência. Para o sábio autor de as "Orígens da Arte", tôda a reprodução gráfica, em certo sentido, é uma escrita, porque tôda imagem exprime um fato ou acontecimento. Mas, uma imagem gráfica só se torna escrita pròpriamente quando não constitui o fim, mas ùnicamente o meio de sugerir uma idéia. É o que então parece ter efetivamente ocorrido.

No caso em consideração, quando a inscrição, numa certa fase da sua natural evolução, deixou de expressar cousas e fatos ou fenômenos de cunho religioso, porém, antes o que os seus sinais, por si mesmo, mostravam com mais fôrça, principiou o processo degenerativo especial que devia levar à pictografia, e desta à escrita inicial. Então, como se observa geralmente, os sinais, as figuras, que haviam pela sua forma mais bem acabada adquirido uma posição de relêvo, perdem pouco a pouco o seu interêsse realístico. Começa uma nova fase, caracterizada, já não por aquêle realismo, mas por uma estilização progressivamente acentuada, que mais e mais deforma a perfeição das figuras, reduzindo-as a simplificações extremas; de modo que, depois de certo tempo, bastava que elas se tornassem simplesmente reconhecíveis, sem o auxílio de convenções especiais, e depois nem mesmo isto se pretendia.

Neste ponto, já a inscrição é mais do que uma escrita pictográfica, uma pictografia, no estilo das que conhecemos entre os esquimós, índios norte americanos de certas tribos, alguns povos africanos, os velhos proto-elamitas, os antigos habitantes

do vale do rio Indus, etc. A extrema estilização dos sinais conduziu finalmente às escritas fonéticas, nos seus diferentes graus de perfeição; e os sinais passaram às letras dos alfabetos.

Mas, se realmente as cousas se passam dêste modo, um grande hiato separa ainda as inscrições rupestres autênticas das pictografias e das verdadeiras escritas.



A PEDRA do ORATÓRIO